ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA

MAYDAY
TERROR A BORDO

ANTÔNIO SÉRGIO CARRÉRA



MAYDAY

TERROR A BORDO

Copyright © 2020 by **Antônio Sérgio Carréra**

Todos os direitos reservados ao autor. Vedada a produção, distribuição comercialização ou cessão sem autorização do autor. Os direitos desta obra não for cedidos.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

Capa e Diagramação
Antônio Sérgio Carréra

Revisão
Antônio Sérgio Carréra

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ficha Catalográfica

Carréra. Antônio Sérgio

C314m Mayday: terror a bordo / Antônio Sérgio Carréra. – 1ª ed. Camaçari/BA: Inoveprimer, 2020.

p. 138

ISBN: 978-65-87229-06-5

1. Literatura. 2. Ficção. 3. Sequestro. 4. Terrorismo. 5. Avião. 6. Islã 7. Polícia. I. Título.

82-3 CDU (1999)
Fabiana Belo – CRB-4/1463

"Com armas você pode matar terroristas. Com educação você pode matar o terrorismo."

Malala Yousafzai

SUMÁRIO

Capítulo 1, 09
Capítulo 2, 16
Capítulo 3, 24
Capítulo 4, 30
Capítulo 5, 39
Capítulo 6, 47
Capítulo 7, 57
Capítulo 8, 67
Capítulo 9, 75
Capítulo 10, 81
Capítulo 11, 88
Capítulo 12, 98
Capítulo 13, 106
Epílogo, 124

CAPÍTULO 1

O dia 11 de setembro de 2001 ficou famoso na história da humanidade. O mundo viu, aterrorizado, a capacidade do ser humano de destruir seu semelhante em nome das mais variadas justificativas, fossem elas de cunho político, econômico, religioso ou mesmo fruto da insanidade, pura e simplesmente. O dia ficou conhecido como um dos mais chocantes já registrados em toda a história — o dia em o que milhares de pessoas tiveram seus caminhos interrompidos por uma ação terrorista nos Estados Unidos da América.

Alguns anos depois daquela ação criminosa, o mundo acordava para relembrar mais um aniversário do pesadelo, cujo receio da sua repetição nunca foi excluído da mente das pessoas.

Naquela manhã nublada de 11 de setembro, Marcos saiu cedo de casa e seguiu direto para o hospital onde

encontraria Flávio, seu amigo de trabalho na Polícia, para acompanhá-lo até sua cidade natal — Uberlândia, no estado de Minas Gerais, depois de passar um longo período entre a vida e a morte se recuperando dos ferimentos sofridos em uma tentativa de homicídio que havia sofrido meses antes. Na sua cidade, cercado pelo carinho e apoio de seus parentes e amigos, certamente seria o lugar mais apropriado para descansar e se reabilitar, enquanto aguardava a finalização do seu processo de aposentadoria por invalidez, já que havia adquirido uma cardiopatia grave — sequela grave e permanente que o impossibilitava de prosseguir na carreira.

Flávio era um profissional dedicado e muito preparado para as funções que exercia na Polícia. Contava com o reconhecimento dos colegas e superiores por seu desempenho no exercício da atividade policial. A carreira lhe era promissora.

Marcos e Flávio eram investigadores, e se tornaram muito próximos por participarem juntos de algumas operações realizadas pelo órgão, tendo se separado após a solução de um caso complicado de sequestro, quando cada um seguiu seu caminho, assumindo novas funções. Naquela ocasião, Flávio foi designado para chefiar uma equipe da Corregedoria que havia sido constituída para identificar e prender policiais envolvidos com propina recebida de criminosos do conhecido PCC (Primeiro Comando da Capital) — organização criminosa em atividade dentro dos presídios de São Paulo.

Ao encontrar-se com o amigo, Marcos notou que Flávio parecia abatido, o que até poderia ser considerado normal depois de passar por maus bocados no hospital, onde ficou internado na UTI por quase um mês. Um enfermeiro conduzia Flávio em uma cadeira de rodas para sua liberação pela Junta Médica. De onde estava, Marcos acenou para Flavio que retornou com um sorriso discreto demostrando alívio por deixar o hospital, mas com uma expressão sofrida que não conseguia esconder.

Enquanto Flávio passava pela inspeção para a Alta hospitalar, Marcos aguardava na sala de espera, relembrando o caso que levou o amigo ao fatídico dia em que sofreu o atentado e que até pouco tempo atrás o manteve entubado, inconsciente, monitorado por vários aparelhos numa sala fria.

Durante o serviço que realizava, Flávio sempre estava em contato com policiais especialistas e técnicos de outros órgãos, assim como os conhecidos "informantes" — elementos de contato reservado que municiavam a polícia com informações de interesse para a solução dos crimes ou sua prevenção, o que era comum no curso das investigações.

Após vários meses de campana, realizando conexões dos envolvidos, cruzando dados e informações, seguindo suspeitos e identificando envolvidos, Flávio, finalmente, conseguiu montar uma operação ao chegar aos nomes de alguns policiais suspeitos de envolvimento em um sequestro planejado com a ajuda deles, que se aliaram aos bandidos das facções criminosas da capital paulista. Flávio tentava chegar a uma quadrilha

especializada em sequestros que eram sempre bem sucedidos com o pagamento do resgate, o que intrigava a polícia e gerou a suspeição do envolvimento de policiais, já que os valores dos resgates eram milionários, pois os alvos eram sempre pessoas ligadas a magnatas. No caso em que Flávio atuava, um dos policiais envolvidos já havia sido identificado, mas havia necessidade do flagrante delito para efetuar sua prisão. Aproveitando o recente sequestro da filha de um grande comerciante da cidade, outro braço da investigação conseguiu chegar ao cativeiro e solucionar o caso com a prisão dos bandidos e libertação da refém. Restava apenas reaver o dinheiro pago pelo resgate, cuja entrega foi feita sem o acompanhamento de polícia, por exigência dos sequestradores.

A adolescente de apenas 16 anos de idade havia sido sequestrada na porta da escola antes que o motorista da família tivesse chegado para apanhá-la, como sempre fazia todos os dias. A garota estava em estado de choque e foi imediatamente retirada do local, sem ferimentos.

Tudo deu certo, mas o dinheiro não foi encontrado, deduzindo-se a participação de policiais. Naquele estágio entrou Flávio, cuja experiência em investigação, principalmente na área de sequestros, o tornava um elemento indispensável para a solução do caso, era o elemento-chave para encerrar o caso.

Revirando daqui e dali, como se dizia no linguajar policial investigativo, Flávio chegou a vários nomes, através de interceptações telefônicas que vinham de dentro do presídio de Presidente Prudente, em São Paulo.

Após o cerco ser feito em torno do agente Marcelo, principal suspeito de ligação com o PCC, o policial soube que a operação havia sido deflagrada e através de informantes úteis dentro da polícia, chegou ao nome de Flávio como seu executor.

Uma ligação de Flávio para um amigo solicitando dados de Marcelo foi a forma como o policial corrupto chegou até ele, que nada suspeitou.

Numa tentativa ousada de eliminar a pessoa que estava em vias de chegar até ele, Marcelo, apoiado por elementos ligados ao PCC, arquitetou uma ousada ação para assassinar Flávio, da qual o próprio Marcelo resolveu participar.

Por sua vez, Flávio estava tranquilo, pois trabalhava em conjunto com o serviço de inteligência e, a priori, ninguém sabia que ele era o responsável pelas investigações.

A ação foi rápida, tendo Flávio sido alvejado por cinco tiros disparados à queima roupa, assim que estacionou seu veículo em frente ao edifício-sede da polícia.

Todos os tiros atingiram o alvo, sendo três sem maiores consequências, porém dois deles atingiram órgãos importantes, como seu antebraço direito, fraturando o Rádio e a Ulna, e o segundo tiro atingindo uma parte do coração, próximo ao ventrículo esquerdo. Os demais disparos atingiram o pé direito, a cabeça de raspão e a mão direita.

— *E aí doutor, como está nosso amigo?* — perguntou Marcos ao Presidente da Junta Médica.